



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO EDUCACIONAL OSMAR DE AQUINO  
CAMPUS III – GUARABIRA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**MARCELINO MARCOLINO DA SILVA**

**MEMÓRIAS DE UMA “VIÚVA DA SECA”**

**GUARABIRA-PB**

**2015**

**MARCELINO MARCOLINO DA SILVA**

**MEMÓRIAS DE UMA “VIÚVA DA SECA”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dra Alômia Abrantes da Silva

**GUARABIRA-PB**

**2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586m Silva, Marcelino Marcolino da  
Memórias de uma "viúva da seca" [manuscrito] / Marcelino  
Marcolino da Silva. - 2015.  
29 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.  
"Orientação: Alômia Abrantes, Departamento de História".

1. Mulheres. 2. Família. 3. Cotidiano da Mulher. I. Título.  
21. ed. CDD 306

**MARCELINO MARCOLINO DA SILVA**

**MEMÓRIAS DE UMA “VIÚVA DA SECA”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Aprovada em 18 / 06 / 2015.



Prof.<sup>a</sup> Dra Alômia Abrantes / UEPB

Orientadora



Prof.Dr.<sup>a</sup> Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega  
Examinadora



Prof. Dr. Carlos Adrião Ferreira Lima  
Examinador

## MEMÓRIAS DE UMA “VIÚVA DA SECA”

Marcelino Marcolino da Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho versa sobre a história do cotidiano de uma mulher na vida campesina e da representação daquelas que foram consideradas como “viúvas da seca”; isto, a partir da memória de Dona Benedita Maria da Silva, residente no município de Dona Inês-Paraíba, em um período correspondente a uma década, entre 1968 a 1978; utiliza, para tanto, fontes orais (depoimentos através de entrevistas), que são registros de sentimentos e ideias sobre a vida familiar e da depoente. Procurou-se assim observar algumas práticas de sustentabilidade, a exemplo da criação dos filhos, da (re)estruturação familiar e de como as mulheres eram vistas no contexto histórico e cultural da sociedade. Para efeito didático, encontra-se dividido em quatro partes, abordando em um primeiro instante a fundamentação teórica, seguido da apresentação do sujeito da pesquisa, da reflexão sobre aspectos da sua experiência e cotidiano, por último, as considerações finais. Para tal, alguns autores contribuíram para basear a discussão, tais com: PERROT (2005), DEL PRIORE, (2009); NUNES, (2006); ALBERTI(2006); CARNEIRO, (2013); FALCI, (2010); FONSECA, (2010); GONÇALVES, (2006). LE GOFF, (2003); MACHADO, (2006); PINSKY, (2010); RAGO, (2010), entre outros.

**Palavras-chave:** Mulheres; Família; Cotidiano.

Sabe-se que durante um longo período as mulheres foram esquecidas como sujeito na historiografia, o que contribuiu para assentar a história como discurso muitas vezes excludente. Tentando contrapor-se a esse esquecimento, busco a partir da memória de uma mulher na vida campesina, participar da construção de uma história que privilegia a existência das mulheres, o cotidiano e a subjetividade daquelas que, “nas margens”, tornaram-se protagonistas na história de suas famílias. Estas mulheres

---

1 Acadêmico do curso de história, turma 2010.2 marcelino.silva11@hotmail.com

foram muitas vezes denominadas “viúvas”, sendo mais referenciadas como “viúvas da seca”; Tarciana Portella (1999, p.14), conceitua que: “viúvas da seca” é uma metáfora-denúncia sobre a eterna tragédia anunciada dos sertanejos e que cai, com especial furor, sobre as crianças e mulheres numa história secular de abandono a própria sorte enquanto a morte percorre solta a caatinga,” associando o termo justamente às resistências das mulheres sertanejas.

Para fazer esse exercício foi salutar aproximar-me do campo de abordagem teórico-metodológico da história cultural, território que muito se abriu nas últimas décadas para os estudos voltados para uma história das mulheres:

A história das mulheres ao colocar a questão das relações entre os sexos, revisitava o conjunto dos problemas do tempo: o trabalho, o valor, o sofrimento, a violência, o amor, a sedução, o poder, as representações, as imagens e o real, o social, o político, a criação, o pensamento simbólico. A diferença dos sexos revelava-se de uma grande fecundidade.[...] Ela coloca em questão as divisões disciplinares e as maneiras de pensar. (PERROT, 2005, p-25)

Nesta perspectiva, sabe-se que para fazer a história das mulheres, a depender dos espaços e grupos, mostrou-se de grande valia fontes que também não eram costumeiramente utilizadas pelos(as) historiadores(as). Nesse meio, as fontes orais ganharam destaque, em especial quando se trata de grupos de cultura tradicional, rural, com pouco acesso a instrução de uma cultura escolar formal, como é o caso abordado aqui. Por isso, optei por uma metodologia da história oral, que segundo Verena Alberti (2006, p.155): “é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea”. Todavia, como fala a própria Alberti (2006, p.158): “o equívoco está em considerar que a entrevista publicada já é história e não apenas uma fonte que, como todas as fontes, necessitam de interpretações e análise”, o que assim exige um exercício de reflexão.

Alistair Thompson em “Recompondo a Memória” também fala que:

O método da história oral foi refutado e criticado por vários historiadores. Mas que nos últimos anos historiadores orais de vários países vêm desenvolvendo métodos de entrevistas e abordagens analíticas que envolvem uma compreensão mais ampla das reminiscências e da identidade e que sugere novas interessantes maneiras de tirar o máximo proveito das memórias em benefício da pesquisa histórica e sociológica (THOMPSON, 1997, p. 54).

Assim, sabe-se que a entrevista abre um leque reflexivo sobre os contextos historiográfico e cultural, ampliando o sentido de documento, “[...] documento é escrito, transmitido pelo som, pela imagem, ou qualquer outra maneira” (SAMARAN *apud* LE GOFF, 2003, p.540). Por sua vez, Lucilia de Almeida Neves (2000, p.110) diz que: “Como metodologia que busca captar o passado, a História Oral constitui-se como espaço vivificador da relação entre a História, à memória e a identidade”. Mostrando-nos que a consulta deste passado utilizando a oralidade constitui-se como método, enquanto que o material consultado é documento, que terá novas interpretações.

Dessa forma quando se fala de oralidade envolvemo-nos com memória, e esta, por sua vez, “está ligada à identidade social e mais especificamente a histórias de vida”. (POLLAK,1992, p.02) Nesta perspectiva a partir da história de vida de Dona Benedita Maria da Silva, acredito também poder explorar aspectos da memória representativa de um grupo, sabendo que, não se pode abarcar uma totalidade, já que “a história é filha da memória” (VEYNE,1998, p. 09), e que esta relação se dá no sentido de que a história não tem o poder de reviver o vivido, mas sim de narrá-lo a partir de operações como a seleção, a síntese e a organização. (VEYNE, *apud* OLIVEIRA, TEDESCHI 2011, P.45).

Neste mesmo sentido Oliveira e Tedeschi (2011) comentam, a partir da referência de Pierre Nora, que memória e História, longe de serem sinônimos, se opõem. Que a memória é a vida, ao passo que a História é a construção sempre problemática e incompleta do que não existe. Assim acredito que através das memórias de Dona Benedita não poderei narrar todo o acontecido, mas tornarei visível parte da história de sua vida, como também uma ressonância da história de vida de outras mulheres. Acredito ser isto de fundamental importância, pois segundo Charliton Machado (2006), quando relata sobre os escritos de uma determinada personagem, os escritos ou, no caso aqui, as falas que passo a tornar escritas, não se encerram em si mesmo, são práticas culturais e coletivas e conseqüentemente quando socializadas permitem outras interpretações ou representações, de grupos e de comunidades a que pertencem, sobre como vivem e pensam o universo familiar.

Esta abordagem me leva a crer que o processo de recordar nos identifica, que as histórias que narramos não são expressões exatas, mas trazem aspectos e moldam nossas identidades. Ao utilizar a metodologia da história oral, (entrevista) acredito

tornar possível um diálogo entre tempos (presente/passado), mostrando que é impossível falar de algo sem recorrer à história, valorizando-a também como disciplina fundamental, que deveria ser ensinada desde os anos da primeira fase, tendo em vista que não há alfabetização fora de um contexto histórico.

Assim, acredito também que a pesquisa supera a preocupação com a objetividade, pois, sabe-se que a história é subjetiva e parcial, como fala o historiador Antonio Paulo Resende:

O historiador intromete-se nessas aventuras, onde as medidas subvertem a passividade subjetiva e atíça o compromisso com a verdade. “É impossível afastar, com segurança, das sombras da ficção”. As fontes aparecem e desaparecem. As escolhas são feitas. Não há nudez absoluta (REZENDE 2010, p.147):

Através desses olhares de uma perspectiva histórica, este trabalho propõe, pois, apresentar recortes da entrevista de Dona Benedita Maria da Silva, que fala de suas memórias, de forma a contribuir para história, uma vez que, nos possibilita compreender identidades sociais, pois, como coloca Joana Neves (1997, p.15) “Identidade social implica na consciência que se tem de si mesmo. Essa consciência supõe um conhecimento do mundo no qual se existe e atua”.

### **Entre a casa, os filhos e o roçado.**

Dentro de uma compreensão histórico-cultural fundamenta-se que ainda vivemos legados de uma sociedade patriarcal, como afirma Ribeiro (2000, apud machado 2006, p.40), segundo a qual “caberia à mulher conforma-se à vida doméstica, no exercício cultural dos papéis de mãe e dona de casa.” Mostrando o significado de família em uma concepção patriarcal, houve, todavia, várias lutas para romper com a fixidez desses papéis e representá-los de forma digna e igualitária. Vejamos o que diz sobre isso Maria José Carneiro:

As mulheres, além de conviverem com outras lutas, na vida mais campesina também tiveram de lutar pelo direito a terra para plantar, pois para quem vive em comunidades de base agrícola é da terra que se extrai os produtos para alimentar os filhos e suprir a casa (CARNEIRO 1994, P.9).



Como participante destas lutas, apresento Dona Benedita Maria da Silva, paraibana, da região do Curimataú Oriental, do município de Dona Inês<sup>2</sup>. Natural da zona rural do mesmo município, nascida aos 10 abril 1945, filha de agricultores, praticante das tarefas domésticas e do campo desde os sete anos de idade, vindo mais tarde aos dez anos ficar órfã de mãe, passando a conviver com sua madrasta, e assumindo algumas responsabilidades com seus irmãos, tendo em vista ser ela a mais velha da família, entre os dez filhos. Sua juventude foi marcada pelo autoritarismo de seu pai e a não aceitação da madrasta, fazendo com que esta não tivesse tempo para o cuidado em que costumeiramente se envolvem os jovens. Como por exemplo, cuidar da aparência, falar de namorados e sair para uma festa, como veremos após.

Dona Benedita narra que seu pai levava a ela e as irmãs, mesmo nos feriados, como de Natal e Ano Novo, para ajuntar pedras no campo com intuito de preparar o roçado para a plantação. Diante de tantas dificuldades, a mesma fala que buscou no casamento uma saída para fugir da autoridade do pai e dos maus tratos da madrasta, vindo assim a casar-se com Luiz Marcolino da Silva em 1956. Com o casamento, passou a conviver com as dificuldades do lar enquanto dona-de-casa, tendo em vista que a partir de 1968, seu esposo começa a viajar para o sudeste à procura de melhores condições de trabalho, como nos relata a mesma, em entrevista realizada em uma tarde em sua residência no município de Dona Inês, no dia 14 de outubro de 2013. Para ser mais específico foi sobre a mesa de sua casa que foram colhidas às informações e gravadas; após vários anos ouvindo as narrativas sobre a vida da depoente, procedi então a uma conversa sem maiores formalidades e rigidez de encaminhamento, mas com um roteiro prévio, amadurecido pela minha vivência como estudante de História. Pedi para ela falar sobre aspectos da sua vida no período em que seu esposo viajava para o “Sul”, como era de costume chamar as regiões Sudeste-Sul do Brasil. Daí em diante coube apenas transcrever o áudio da forma como foi falado, que passo agora a recortar, observando a sua fala:

---

2 O município de Dona Inês está localizado no agreste paraibano, microrregião do curimataú oriental, fazendo parte da região de bananeiras, tem uma altitude de aproximadamente, 480 metros acima do nível do mar. Tem uma área territorial de 166,70 Km<sup>2</sup>, subdividida em sede e um povoado e 63 Sítios e uma população total de 10.517 hab., sendo a população urbana composta por 4.655 e a rural de 5862 hab. (fonte IBGE 2010 apud Josinaldo Ferreira 2014, p.25)

Primeira viagem ele foi em 68, nós fizemos uma planta, fez um sol muito quente, perdemos tudo, e ele foi embora, depois que ele foi embora no outro dia começou a chover. E eu enfrentei a inxada no trabalho sozinha, nesta época eu não tinha muitos filhos não, só tinha um. Mas já tinha morrido o primeiro. Ai ele foi passou três meses sem dar notícia, a gente preocupada sem ter noticia nem! E quando inteirou três mês chegou, sem nada, zero, sem dinheiro. Lá disse que passou uma dificuldade muito grande, chegou lá no Rio de Janeiro arrumou um trabalho não tinha comida nem moradia, ai foram sofrer dormindo num barraco aberto encima de um esgoto, enquanto isto eu estava aqui enfrentando a inxada, enfrentei, a inxada e isto foi das menas, daí pra gente, depois choveu e eu lucrei umas coisinha (Benedita Maria da Silva, 16 de Outubro 2013).

Dona Benedita fala de um período que corresponde a estas expectativas, registrando assim as viagens de seu esposo e os contextos por ela vividos. Contexto este cheio de perdas; no que diz respeito à lavoura, o sol muito quente seria, para ela, a causa principal; entende-se que ela refere-se à falta de chuva ou a irregularidade da mesma. Já que segundo Gilson Teixeira (2014) em trabalho sobre pluviometria<sup>3</sup> em Dona Inês PB, deixa claro que são extensos os períodos de estiagem. A seca edáfica<sup>4</sup> tem efeitos conhecidos: severas perdas econômicas e grandes transtornos sociais como fome, migração e desagregação familiar (CAMPOS, 2001).

A prolongada estiagem torna difícil o convívio familiar, a manutenção do lar, uma vez que na vida campesina a única coisa que se tem a oferecer para o sustento da família é a força de trabalho ou o produto por ela adquirido. Nestas condições indicadas na fala da depoente, o chefe de família enfrentava grande concorrência para vender sua força e acabava tendo que se deslocar para outros lugares que ofereciam melhores condições para seu sustento. Percebe-se então que a seca, considerada ainda hoje um problema permanente do Nordeste brasileiro, é apontada na fala como causa determinante das dificuldades. Na época sobre a qual nos fala Dona Benedita, alguns recursos eram empregados, porém só quem tinha acesso a ele era os latifundiários; fazendo um paralelo, vê-se que nos dias atuais as políticas governamentais continuam a

---

3 O regime pluviométrico anual e o período escolhido para análise confirmam as irregularidades das precipitações do município, ao longo dos meses do ano. Altura anual da precipitação varia entre 1305,1 mm e 411,8 mm, [...] confirmado período de estiagem, o equivalente a 37,5% do período, agravando a problemática da seca. (TEIXEIRA, 2014, p.25)

4 Tem como causas básicas a insuficiência ou distribuição irregular das chuvas e pode ser identificada como uma deficiência da umidade, em termos do sistema radicular das plantas, que resulta em considerável redução da produção agrícola. (CAMPOS,2001)

privilegiar os mais ricos, pois, como afirma Campos(2001, p.04): “A seca é um momento político por excelência”. Muitos se aproveitam desta, para aumentar seu domínio, seja através de benefício do governo via incentivos fiscais ou a negligência, colocando a culpa na “tragédia natural”.

Dentro deste contexto, Dona Benedita vive a sua história, demarcando-a através da convivência com a dor de ficar distante de seu companheiro, sabendo ela que isto lhe acarretava grandes responsabilidades, como de fato relata sobre os dias depois da partida de seu esposo\_ “enfrentei a enxada”, referindo-se ao objeto de trabalho como símbolo de seu “novo” papel, ou seja, além de cuidar da casa e dos filhos, ainda teria os cuidados com o roçado, atividade culturalmente tida como de predomínio masculino.

Mediante tais circunstâncias, minha entrevistada assume o lugar de seu esposo nas responsabilidades do sustento familiar, mostrando-se capaz de desenvolver as tarefas ditas masculinas, indo de encontro aos comentários anatômicos de que as tarefas da mulher foram destinadas pela biologia, como faz ver Andréa Lisly Gonçalves (2006,) e identificando-se com os argumentos de Joan Scott, quando comenta sobre o termo ‘gênero’ e sua aplicabilidade, mostrando que: “o termo foi criado para rejeitar explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior.” (SCOTT, 2003, p. 07).

Dona Benedita conta que quando seu esposo começou a viajar, já havia tido dois filhos, e demonstra que força muscular não lhe faltava. Pois, durante o tempo que seu esposo estava fora, ela era a única responsável pelo sustento de sua família, apesar do trabalho das mulheres historicamente ser considerado como “ajuda”, principalmente na agricultura de base familiar. Como faz ver Lígia Albuquerque de Melo (2002):

O trabalho da mulher na agricultura familiar é gratuito e considerado “ajuda”, revelando que a atividade desenvolvida nessa forma de produção pertence ao homem, é da sua responsabilidade, é sua obrigação. O trabalho da mulher, não sendo reconhecido, ao contrário do desempenhado pelo homem, sugere que ele não gera valor econômico e social. (MELO, 2002, p. 06).

Assim, vemos que a fala de Dona Benedita rompe com essa base de divisão sexual do trabalho baseada em aspectos apenas ditos da “natureza”. E afirma, através de suas práticas, que seu trabalho gerava sim valor econômico, sendo capaz de realizar tal

tarefa e sendo admitida aí sua presença, mediante um condicionante social. Vejamos mais de seus relatos:

Nós sempre trabalhava na terra de doutor Pedro, plantando feijão e algodão. O algodão de meia e o feijão era só nosso, era muito difícil, não tinha terra e nem empréstimo, como tem hoje, ou trabalho era sempre uma empeleitada, para arrancar toco, cortar agave<sup>5</sup>, só que eu mesmo nunca cheguei a arrancar toco mais plantar e cortar agave constantemente eu estava fazendo isto, puxar agave de mão, é que no começo não existia máquina para puxar o agave era de mão. O dinheiro que Luiz mandava só dava para pagar a bodega e eu e os meninos mais velhos tinham que trabalhar para ajudar a pagar a bodega, as vezes e que eu vinha na feira comprar uma besteirinha, uma verdura uma fruta, [...] o agave ficou muito barato e o povo foram acabando o agave, o algodão também foi perdendo o valor, eu trabalhei muito em agave e levava os meninos para mim ajudar eu cortava e eles puxava, mais eu já puxei também, lenha eu sustentei a casa durante dez anos mais ou menos os dez anos que Luiz ficou indo e voltando para o Rio de Janeiro (Benedita Maria da Silva, 16 de Outubro 2013).

Na fala de Dona Benedita podemos ver vários elementos que poderia nos ajudar para uma melhor compreensão histórica do seu contexto social. Tomemos como base alguns que consideramos importantes: Dona Benedita estava vivendo em um período de decadência da cultura do agave, como nos faz ver a tese de Mariângela Vasconcelos Nunes (2006). Este, no entanto, ainda era um dos principais meios de sustentabilidade associado ao algodão, e por último observa-se as mulheres inseridas num universo considerado tipicamente masculino, uma vez que segundo Nunes (2006), nesta cultura as mulheres tinham papéis definidos, normalmente ao corte e a lavagens das fibras. Outro fato que nos chama a atenção é que as colheitas não eram grandes coisas, o que rapidamente se esgotava, isto porque havia muitos elementos que impossibilitavam o homem do campo de ter uma boa colheita, pois além dos problemas climáticos, faltavam-lhe terra e recursos financeiros, como relata Dona Benedita “Nós sempre trabalhava na terra de doutor Pedro... não tinha terra e nem empréstimo”, demarcando os problemas existentes para além da seca, os quais fazia com que seu esposo viajasse constantemente, por um período de cerca de dez anos.

---

<sup>5</sup> O sisal pertence à classe monocotiledônea, série Liliiflorea, família Agavaceae, subfamília Agavoidea, gênero Agave, subgênero Euagave. O gênero Agave compreende, aproximadamente, 300 espécies nativas das zonas tropicais e subtropicais da América do Norte e América do Sul (MEDINA, 1954a; SANCHES POTES et al., 1991). Deste gênero, somente duas espécies se destacam por sua importância comercial para a produção de fibra: A. sisalana e A. fourcroydes.

Claudia Fonseca (2010, p. 515), afirma que: “havia uma mobilidade geográfica de homens em uma busca constante de emprego e que muitas vezes à procura deste, deixavam as mulheres em estado de abandono.” Isto acontecera, segundo ela, no início do séc. XX na cidade de Porto Alegre. Dona Benedita, falando de lugar e época diferente, explica que o fato dela está constantemente sozinha, se dava pela falta de emprego ou trabalho para seu esposo e aponta alguns fatores, mesmo sem ter qualquer intenção de penalizar algo ou alguém, e enfatiza as questões agrárias e climáticas.

Sabemos que estas questões arrastam-se por longo período da história brasileira, remontando às bases monocultoras, de grande latifúndio, que colonizaram o Norte do país. No passado, como no período a que a depoente se reporta, terra era sinônimo de poder, visto que os senhores da terra ofereciam trabalho e mantinham em suas mãos o controle da região:

A saída de trabalhadores rurais para outros centros não ocorria apenas estimulada por elementos de ordem externa: a industrialização do Sudeste, mas, sobretudo por aspectos internos, relacionados ao monopólio da terra, agravado pelas secas que, juntos, urdiam as condições precárias dos lavradores (NUNES, 2006, p. 198).

Com relação a este contexto, Miridam Kenok Falci (2010, p.250) diz: “a mão-de-obra feminina é cada vez mais requisitada. principalmente entre as mulheres pobres” quando fala sobre atividade feminina no sertão nordestino.

Dona Benedita encaixa-se nestas descrições; como foi dito em sua explanação, nordestina e de família muito pobre, para ela o trabalho no agave era bem natural, tão natural que levar os filhos para a lida tornou-se algo corriqueiro, em momento algum se mostra preocupada com os riscos, tanto com ela quanto com os filhos, haja vista o trabalho com agave ser muito perigoso, uma vez que o agave é uma planta com espinho e tóxica; além do mais sabe-se que o sol no Curimataú é intenso, com altas temperaturas, sem contar que o trabalho tirava as brincadeiras das crianças. Isso reflete-se bem no que situa a Nunes(2006), que também entrevistou mulheres que tiveram tal experiência:

Na fibra, as crianças não tinham mais tempo para serem crianças, não podiam mais subir em árvores como imbuzeiros e degustar seus frutos, dividindo-os com os adultos que os cercavam, nem ao menos mergulhar “nos barreiros”, algumas vezes, acompanhados dos seus pais, que aproveitavam para se

banhar juntos compartilhando momentos de descontração. Na fibra era diferente, não havia mais tempo para brincadeiras, provavelmente, ao invés de dividir alegrias, D.Maria repreendia Avanir e Inês, ambas suas filhas, lembrando-lhes que a fibra era uma coisa séria, cujo trabalho não poderia ser interrompido, pois o tempo era ouro. (NUNES, 2006, p. 202)

Dona Benedita diz que o agave ficou muito barato, sendo o motivo que acabara levando os filhos para o trabalho, partindo do ponto que precisava de cada vez mais pessoas para conseguir ganhar o mesmo valor, e manter o sustento da família. Nunes (2006) aponta que já entre 1953 e 1954 houve uma crise que, segundo ela, não foi tão percebida pelos trabalhadores. Nas palavras de Dona Benedita “o povo foram acabando o agave”, confirmando o que já foi dito anteriormente sobre a fase final da cultura do agave na Paraíba.

É importante perceber que neste final de fase do agave as mulheres estavam mais envolvidas, mesmo porque, o ganho era pouco e era tido pelos homens como “ajuda”, como relata Losandro Antônio Tedesci (2004, p. 51) ao mostrar que: “além de todas as tarefas da casa, as agricultoras ainda trabalhavam com o marido na roça e mesmo assim considerava-se que as mulheres apenas ajudavam”. Já para o homem era vergonhoso ganhar o equivalente a uma mulher; Elisiana Renata Probst (2003), falando de um contexto geral da situação do trabalho das mulheres no Brasil, diz que mesmo depois das conquistas feministas, algumas formas de exploração perduraram durante muito tempo, que jornadas entre 14 e 18 horas e diferenças salariais acentuadas eram comuns. Tais disparidades justificavam-se na perspectiva de que o homem deveria trabalhar e sustentar a mulher. Desse modo, não havia necessidade da mulher ganhar um salário equivalente ou superior ao do homem.

Na cultura campestre, isso se reforçava. Mulheres como Dona Benedita ganhavam menos, mesmo quando faziam tarefas ditas masculinas, e embora sustentando o lar, o lugar do “provedor” era culturalmente o do homem, que sentia-se obrigado a buscar ganhos maiores. Assim, entendemos quando ela diz que para seu esposo não tinha ganho em sua região, e por isso acabou migrando várias vezes:

Ele chegou passou dois meses ai deu vontade de voltar de novo, foi embora, disse aqui não tem ganho eu vou voltar, vou ver se arrumo um emprego melhor, mais sem leitura e sem profissão ai só podia

pegar vacagem de esgoto, a fundação, foi o que ele pegou. E nesta história foi 14 vezes, importante lembrar que quando ele voltou eu já fiquei grávida de novo (Benedita Maria da Silva, 16 de Outubro 2013).

Neste contexto, o homem do campo via a migração como uma de forma de resolver ou amenizar seus problemas, mesmo sem qualquer instrução, mas para assegurar seu lugar de virilidade, de “chefia”, enfrentava escavação para rede de esgoto, fome, frio; a saudade da esposa, dos filhos da casa e do lugar. Talvez, devido a tudo isto, muitos como o esposo de Benedita não conseguiam fixar-se no emprego, o que o impossibilitava de aprender uma profissão que pudesse ganhar um dinheiro a mais, para melhorar um pouco a vida da família. Enquanto isto, mulheres arriscavam-se trabalhando fora do lar, experimentando outros espaços, apesar da existência dos discursos conservadores, como da Igreja, da Medicina e do próprio mundo do trabalho, onde ainda ressoavam culturalmente o padrão de maternidade forjado como destino, como nos faz ver Margaret Rago:

A ideologia da maternidade foi revigorada pelos discursos masculinos: ser mãe, mais do que nunca tornou-se a principal missão da mulher no mundo em que se procurava estabelecer rígidas fronteiras entre a esfera pública, [...] essencialmente masculina e a privada, vista como lugar natural da esposa-mãe-dona de casa e de seus filhos” (RAGO, 2010, p. 591).

Ainda que se refira a um contexto urbanizado, de início do século XX, vemos que no campo, Dona Dita como era chamada pelo os mais próximos, ainda na década de 1960, identifica-se com este ideário, uma vez que afirma: ‘quando ele voltou, eu já fiquei grávida de novo’. Sabe-se que neste período já existia métodos anticoncepcionais, os tradicionais tanto quanto os mais avançados, como no caso da pílula, que proporcionou uma transformação no modo de reprodução, tornando a gravidez algo totalmente voluntário, Miriam Pillar Grossi (1998, p. 02) comenta que “nos anos 60 a pílula anticoncepcional passa a ser comercializada” e nos anos 50 a classe média e alta, praticava com frequência o controle de natalidade através de uso de métodos variados, sem que houvesse nenhuma menção nos meios de comunicação sobre o assunto (PINSKY, 2010). Mas, certamente, essa era uma possibilidade ainda distante para as mulheres rurais pobres, com pouca ou nenhuma informação e acesso a esses recursos, além de preconceitos sobre a própria questão da sexualidade e do corpo.

Dona Benedita confirma que não fazia uso de nenhum método anticoncepcional e mostra-se uma pessoa com pouca informação, sobre o referido assunto e os contextos políticos assim como as políticas públicas, aliás, ao analisarmos sua entrevista notamos que tais políticas públicas não existiam no seu município, vejamos como ela configura estes fatos:

Não sabia nem que era o presidente nem que era ou vereadores, só sabia quem mandava na cidade [...],os dono das terras, o máximo que a gente ouvia era ou carros de som quando anunciava sobre as eleições. Toda vez que ele vinha passava dois outro meses e depois agente se achava grávida de novo, não tinha medicamento para evitar filhos, tinha que engravidar mesmo, não existia pré-natal ,nenhum tipo de acompanhamento, tinha as maternidade mais era longe nem na própria cidade não tinha só tinha nas cidade mais desenvolvidas , que eram mais longe, era muito difícil , agente para ir fazer uma consulta tinha que ir a pés ou de burro, para batizar eu tive que ir a pé , saímos de casa umas doze horas da noite, isto com o esposo no Rio, isto gastava seis horas para chegar, muitas vezes debaixo de muita chuva , no inverno , as vezes a gente fazia isto por que apesar das dificuldade eu tinha muita vontade de criar mais um menino (Benedita Maria da Silva, 16 de Outubro 2013).

Ao relatar sobre seu cotidiano ela se insere em seu espaço próprio, como relata Maria José Carneiro:

As nordestinas, em geral, não veem o trabalho na lavoura como um “trabalho” feminino. Elas se utilizam da categoria “ajuda” para designar essas atividades e reconhecem como seu espaço próprio a casa e suas atividades “naturais”, aquelas voltadas para a reprodução dos membros do grupo doméstico (CARNEIRO 2013, P. 07).

Como se vê, apesar das dificuldades, não lhe faltava o desejo de criar mais um filho. Este sentimento de Dona Benedita se tornaria mais viabilizado através das informações que lhe chegavam, mesmo sendo poucas, como ela mesma faz questão de frisar:

Neste período nós não sabia de nada não existia rádio para nós, nunca ouvia música a não ser em uma festa pelas difusoras ou os sanfoneiros, mais as músicas de Luiz Gonzaga, Asa Branca, Mandacaru fazia sucesso e era muita emoção, mais depois de um tempo Luiz(esposo) veio do Rio e trouxe um rádio , muita gente juntava lá em casa para ouvir o rádio, tudo era difícil o milho era pisado no pilão, sal grosso , café com rapadura, torrado, sem contar que as vasilha eram de barro e o fogo era sempre de lenha e no chão, acho que eu fui a primeira a inventar no meu lugar o fogo alto em um fogão a lenha (Benedita Maria da Silva 2013).



O rádio tornou-se então a principal fonte de informações de Dona Benedita. Daí em diante, o rádio foi chegando às casas semelhantes à dela, e levava os discursos do momento, discursos estes carregados de intencionalidade e que, apesar da ascensão que viveu o Brasil nos anos 1950, a distinção entre os lugares femininos e masculinos continuaram nítidos, como diz PINSKY (2010, p. 609): “maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina sem história, sem possibilidade de contestação”. Através dos relatos de Dona Benedita percebemos essas distinções de lugares:

Tinha que colocar água para a criação e para beber, sem contar que era muito difícil, achar a água, mais ainda bem que nós morávamos a beira do rio, a água era salgada mais servia, lavávamos roupa com água salgada, raspando juá e com cinza nos pegava as raspas de juá e esfregava para formar a espuma e agente lavava a cabeça e as roupas, já as cinzas colocava em um pano e fazia espuma e lavava a roupa, usava a bege de tambor pisada também para lavar roupa com água salgada, o mais engraçado é que o café era feito com água salgada e rapadura e nos gostava. Nem se ouvia falar de açúcar, água de beber tinha lá no riacho mais era difícil pegar água lá a pouca que pegava era guardada como ouro para beber. Eu tinha vontade de ter uma roupa branca mais não dava ficava tudo encardido (Benedita Maria da Silva, 16 de Outubro 2013).

Para Dona Benedita, fazeres domésticos era algo essencial; mesmo diante das dificuldades havia um cumprimento no que se refere a algumas tarefas como colocar água para a criação, pois sabemos que, na agricultura familiar como fala Tedeschi (2004, p. 51) “são atividades próprias das mulheres o cuidar das galinhas e outras pequenas criações, a horta, as ervas medicinais, as “miudezas”, como elas mesmas dizem”. Nos argumentos de Dona Benedita aparece estes contextos onde ela desenvolve suas práticas, mesmo em meio as questões relacionadas à seca/pobreza à agricultura de subsistência, e fundamental. Nessa lida, podemos perceber também aspectos da sociabilidade e dos costumes, e como fica bem demarcado a questão do trabalho no ordenamento do cotidiano.

### **Mulheres e resistências**

Sabe-se que a microrregião do Curimataú do estado da Paraíba, segundo Rosivaldo Sobrinho (2010, p.20), “tem uma peculiaridade das condições ambientais e das relações sociais desafiadoras cotidianamente à manutenção da agricultura camponesa”, fazendo com que fosse justificado a ida de alguns homens para o Sudeste à procura de trabalho, tal como as constantes mudanças para os centros urbanos e

outras regiões, como coloca Campos (2001, p. 02) “a seca, desde quando se conhece o Nordeste, têm resultado em movimentos migratórios”. Estes movimentos trazem um caráter de resistência. Assim Dona Benedita mostra que apesar da saudade era preciso sobreviver:

Era comum em período de muita seca as famílias irem para o brejo atrás de uma sobrevivência, pois lá tinha a manga e outras frutas, mais a saudade era muita da minha casinha de palha de porta de pendão lembro que outra vez nos saímos para o sítio vizinho que não era muita coisa mais era melhor lá tinha uma manga uma jaca e água doce, pois onde eu morava era muito difícil o que realmente nos salvou foi o rio, quando estava se aproximando para chover já tinha gente nas lajes ou nos lajeiros para pegar a água que juntava, isto às vezes dava briga muitos limpavam os tanques e outros pegavam água, era muito ruim isto. Lá no sítio vizinho, agente pensava que ia para um lugar melhor, mais o dono da terra deu a casa para outra família que tinha mais filho, isto por que os filhos davam lucro para o patrão era mais trabalhador, eu também não gostei muito por que lá era a cultura do fumo e onde eu tava era mais agave milho feijão e algodão isto era em 76, depois tive outro menino e morreu. neste período a rapadura era essencial, cuscuz com rapadura milho com rapadura fava com rapadura, outra viagem que fizemos foi para pedra grande em 80 aqui estava muito seco e fomos em busca de uma vida melhor, mais lá era pior ainda até água agente tinha de comprar, mais meu irmão já morava pra lá, então nos fomos, lá foi muito difícil lá lavava roupa com melão ou cinza e a cinza cortava a roupa, ora agente só comprava roupa de ano em ano, Luiz disse que lá no rio de Janeiro todo mundo usava calçado desde menino até gente velho, aqui só que usava era os mais velhos e em ocasião especiais, como missa batizados coisa assim” (Benedita Maria da Silva, 16 de Outubro 2013).

Nas idas e vindas, Dona Benedita faz questão de fixar a importância que os filhos tinham ao ir morar em uma casa que sempre era de um senhor de terras, mostrando assim uma ressonância do Sec. XIX e início do Sec. XX, onde na Paraíba cerca de doze a treze famílias exerciam o monopólio da terra (FALCI, 2010); percebe-se assim que os senhores normalmente buscavam a lucratividade, as casas melhores eram oferecidas as famílias que tinham mais filhos com condições para trabalhar, como afirma Falci (2010).

Filho era, pois, também condição de sobrevivência. Como nos conta Dona Benedita, muitos viram nascer e morrer; apesar das distâncias e das dificuldades havia alguns esforços em busca de criá-los, afinal como diz Euclides da Cunha (1905, p.57) “O sertanejo é, antes de tudo, um forte,” e Dona Benedita nos narra sua história de bravura em torno da criação dos filhos(as):

“Lembro de uma história que tive que ir a pé pra Bananeiras para ver que encontrava alguma solução, já tinha o segundo, isto por que o primeiro morreu com tudo já tinha morrido seis , lembro que quando estava perto de fazer a consulta pai chamou para ir para casa tinha um carro de um senhor que tinha terras no sitio vizinho e ele ia para lá se nós perdesse esta carona a gente tinha que vim a pé e chovia muito, sei que apenas passei em uma farmácia e falei tudo e o homem da farmácia disse que era eu que estava matando meus filho a, que já tinha morrido seis e iria morrer mais devido o leite de cabra que eu dava, com muita luta comprei um leite para dar ao menino era difícil o leite era caro e eu não tinha condição este leite foi comprado com dinheiro emprestado, que meu pais tomou. Depois disso eu conseguir cria mais filhos, de vez em quando morria um mais tudo criança, as vezes acontecia que quando morria Luís estava lá no Rio, ai era uma dificuldade para avisar, tinha de escrever uma carta, demorava para chegar, assim como muitas vezes nascia sem ele esta em casa eu fiz quatro parto sozinha, só depois que eu já tinha dado a luz é que mandava um recado para uma parteira que era sempre a uma comadre, eu sempre trabalhava ate os seis meses ou sete, teve uma vez que eu colhi feijão até o dia do menino nascer trabalhei o dia todo quando foi de noite dei a luz. (Benedita Maria da Silva, 16 de Outubro 2013).

Nos relatos de Dona Benedita é possível perceber que era constante a morte de seus filhos, que muitas vezes acontecia durante a ausência de seu esposo, a mesma deixa transparecer que não desistia, seu esforço era constante, já com relação ao nascimento de seus filhos, alguns também aconteceram enquanto o pai estava viajando. Algumas vezes, Dona Benedita teve que fazer o próprio parto. Neste contexto fica clara a situação econômica de Dona Benedita visto que, a causa quase sempre segundo o farmacêutico seria devido a pratica de dar leite de cabra para o recém-nascido, talvez pelo fato dela não ter uma boa alimentação esta não dava leite o suficiente, tendo que suprir a criança com outro leite, o que acabava por gerar uma infecção intestinal, levando a criança a óbito. Mas aí também demarcamos os elementos culturais que “naturalizam” quase a banalizar a morte infantil. Maria Vittori Pardal Civiletti (2013, p. 02) diz: “a morte da criança não era, entretanto, vivenciada com muito sofrimento devido a identificação da criança morta com ‘anjinhos’ puro e ainda intocado pelo pecado”. Embora essa impressão da autora se relacione com a mortalidade infantil no Sec. XIX Dona Benedita em seus relatos mostra-nos que ainda permanecem essas práticas:

Dos meus filhos só morreu um pagão, todos eu batizei, a própria parteira rezava o pai de nosso e apresentava os padrinhos e já estavam batizados, os padres ficavam nas cidades, o que tinha perto da gente era a tiradeira de novenas, e muitas vezes nós ia às pressas para a igreja ou a capela, os nomes só podia ser Maria ou José, criança que morria não podia colocar outro nome, as vezes quando escapava agente deixava e botava Jose segundo ou irmão e

as Maria depois se conseguisse escapar botava Maria de Fátima, Maria Jose, do Socorro(Benedita Maria da Silva, 16 de Outubro 2013)

A religiosidade é bastante presente na comunidade no que diz respeito às suas práticas, o que servia como consolo e explicava a fatalidade. Rago (2010, p. 592) escrevendo sobre a feminilidade e sexualidade nas primeiras décadas do Sec. XX diz que: “a imagem de Santa Maria foi fortemente valorizada”, algumas décadas depois. Ainda é possível ver a continuidade desta valorização nas práticas de Dona Benedita, uma vez que a mesma coloca em seus filhos nomes relacionados à Santa Maria, buscando uma identificação como forma de resistir à mortalidade infantil.

Segundo Falci (2010) escravas alforriadas ou quando eram libertas ao nascer (lei do ventre livre<sup>6</sup>), tinham sobrenomes ligados à vida religiosa. Para Fonseca (2010, p. 528), “a receita para a mulher ideal envolvia uma mistura de imagens: a mãe piedosa de igreja, a mãe-educadora do estado positivista e a esposa companheira do aparato médico higienista,” apontando que esta relação vai além, e tem raízes fortes em nosso passado:

As mulheres Latino-americanas se sentiam mais confortáveis no desempenho de seus papéis tradicionais, restrito ao espaço doméstico e as tarefas relacionadas à reprodução da família do que as anglo-saxãs. A expansão do catolicismo, e mais especificamente, o culto mariano, muito disseminado na Ibero-america, explicando em grande parte, tais distinções. (GONÇALVES, 2006, p. 79)

Dona Benedita também mostra que aos homens precisavam identificar-se com um santo forte em uma relação intercessora pela vida e pelas chuvas, já que São José é tido pelo curimatauzeiro<sup>7</sup> como o santo provedor das chuvas. De alguma forma estes

---

<sup>6</sup> A Lei do Ventre Livre, de 28 de setembro de 1871, que declarou livres os filhos de escravos nascidos a partir desta data. (Carvalho de Mello 1978, p. 03).

<sup>7</sup>Aquele que nasce na microrregião do curimataú oriental e\ou ocidental. (fonte IBGE 2010 apud Josinaldo Ferreira 2014, p.25)

dois santos estavam relacionados com a vida, em um sentido abrangente, tal como: vida morte, chuva, seca, comida e etc. Em meio a esse dramático contexto, em que as causas da determinação divina parecem predominar Dona Benedita nos faz ver algumas ações do governo:

Também eu lembro que o governo fez as frentes de emergência que melhorou as coisas, embora fosse muito pouco, e as mulheres que os maridos estavam lá no sul ia trabalhar nos barreiros e era muito difícil quem faltasse era cortado o ponto já era pouco cerca de sessenta cruzeiro eu não lembro bem o que era mais muitos, só tiravam quarenta e ficavam com muita raiva e queriam brigar, isto foi mais ou menos em setenta eu trabalhei na emergência, mais a emergência só apareceu depois que acabou o agave” ( Benedita Maria da Silva, 16 de Outubro 2013).

Além das frentes de emergências as mulheres mostram-se capazes em todas as áreas e a partir de então se podem fundamentar os avanços na economia, uma vez que a mesma parte das ideias construtivas para suprir suas necessidades, várias alternativas de empreendimento, que a princípio não tem nenhuma relevância, mas posteriormente vai se configurando:

Enquanto isto eu tomava conta de tudo meus meninos o primeiro foi para a escola que era longe mais tinha, era uma dificuldade por que a gente tinha que comprar o material, tinha que vender uma galinha um milho ou fava alguma coisa assim. e agente inventava alguma coisa com os maridos em casa ou não a gente sempre inventava , havia as paneleiras que fazia tudo de barro, panela , prato , bule ,tigela e tudo eu desde pequena tinha vontade de costurar e aprendi sozinha e dei conta de todos meus filhos, muitas vezes trocava por galinha , levava para a feira as panelas na cabeça e em burro, eu arrumei máquina de mão, depois uma de pé e sustentava meus filhos com a costura, custurei 25 anos da minha vida pra fora e eu ainda custuro pouco mais custuro (Benedita Maria da Silva, 16 de Outubro 2013)

Dona Benedita nos mostra três fases de sua vida, fundamental para o sustento de seus filhos, primeiro o agave, segundo na frente de emergência e pôr fim a costura, a qual ela faz questão de dizer que mesmo com a idade avançada continua costurando.

Falci (2010), escrevendo sobre mulheres no sertão nordestino, indica-nos que a costura sempre foi uma alternativa para sustentabilidade da mulher pobre nordestina. Rago (2010, p. 581) diz: “Muitas mulheres eram costureiras e completavam o

orçamento doméstico trabalhando em casa,” comentando sobre as mulheres já nas primeiras décadas do sec. XX. Dessa forma, Dona Benedita pontua que era preciso inventar algo, com ou sem o marido. É importante frisar que o sustento da família dependia do seu trabalho como ela mesma afirma. E mostra-nos que nesta jornada não estava sozinha, havia um grupo de mulheres na mesma condição. Quando se refere a alguma prática de sustentabilidade, ou a criação de filhos ou até mesmo os afazeres domésticos sempre traz a frase: a gente sempre inventava, a gente pensava, e etc. fazendo-nos ver uma memória coletiva e faces de mulheres que resistiam às várias dificuldades vividas. Vejamos o que ela diz sobre suas companheiras:

Havia mulheres que a gente pensava que era viúva, tinha uma mulher que ia sempre lá em casa, e um dia eu perguntei a ela se ela era viúva e ela disse que não, que o marido dela estava em São Paulo fazia trinta anos ele só vinha de ano em ano mais voltava e neste tempo ela criou os filhos sozinha ela arranca toco, amansava boi, cortava terra era mais forte que um homem, eu também não sei que fui confundida com viúva meu marido em cerca de dez anos desde 68 a 78 foi 14 vezes mais sempre estas idas eram curtas durava o máximo 6 a 8 meses (Benedita Maria da Silva, 16 de Outubro 2013).

Estas mulheres da qual Dona Benedita nos fala pareciam e foram muitas vezes denominadas “viúvas”, sendo mais referenciadas como “viúvas da seca”; como conceitua Tarciana Portella (1999, p.14) a qual já citamos anteriormente. Dona Benedita também acredita que poderia se enquadrar na “viuvez”, já que seu esposo vivia viajando do Nordeste para o Sudeste à procura de trabalho, como já foi enfatizado anteriormente. E relata algumas práticas das ditas mulheres:

Normalmente era as mulheres que abastecia a casa de lenha de água,...e éramos alegres apesar das dificuldades mandava uma carta e o marido vinha e eu ficava grávida de novo e ele ia embora quando chegava de novo aquela criança muitas vezes já tinha morrido e a outra já tinha nascido [...], e eu ao todo engravidei vinte e uma vez tive quinze filhos dos quinze morreram oito e criaram-se sete sem contar com o que perdi quando grávida que não chegou a nascer que foram 6 morreram na barriga com dois, três, cinco e seis meses, sou muito doente devido tudo isto todas estas gravidades praticamente sozinha e pior era a morte dos meus filhos isto era muito difícil, muitas vezes estava já grávida de outro e ficava pensando será que este vai escapar, ainda bem que não tive nenhum aleijado, com defeito todos eram saudáveis, adoeciam depois. Mais estou viva para contar a história e agradeço a Deus por tudo” (SILVA, 16 de Outubro 2013).

Percebemos que Dona Benedita vivia um paradoxo, alegria e tristeza norteavam seus sentimentos, as gravidezes eram constantes, além dos cuidados com os filhos, identificando-se com o pensamento dominante dos anos dourados (década de 1960) sobre mulher e filhos, como afirma Pinsky:

Ter filhos fazia parte dos planos dos cônjuges, sem que isso fosse muito questionado para a mulher, ser mãe e dedicar-se aos filhos, mais que um direito ou uma alegria, era uma obrigação social”. Fica claro, contudo diante das gravidezes a seguridade da missão dita sagrada feminina. (PINSKY, 2010, p. 633).

Durante minha vida tenho ouvido falar da história de Dona Benedita, pois, sou parte dela, nasci em tempo de vitória, tive a oportunidade de crescer na presença do meu pai e dos meus irmãos, os que conseguiram criar-se como eu. Mas as marcas continuam até os dias de hoje, meus irmãos sofreram muito cortando agave, cuidando da lavoura com a minha mãe. Enquanto meu pai viajava em busca de oportunidades de trabalho para mandar algum dinheiro para pagar as contas. Com relação a meus irmãos todos são semianalfabetos, alguns abandonaram a agricultura, outros ainda permanecem, embora com mais facilidades, haja vista, as novas tecnologias. Meu pai, apesar da fome, tristeza, dificuldade, limites, pobreza e o pior, subjugo, sente saudade, devido à idade, de não poder mais participar da vida do campo. Minha Mãe, apesar de tudo, diz que foi muito feliz e narra sempre a história, como uma história de bravura, de resistência, de luta de alguém que lutou para criar os filhos, ensinou a serem honestos a respeitar as pessoas, a lutar pelos seus objetivos, sente-se orgulhosa e ao narrar a sua própria história percebe-se um entusiasmo, uma alegria, seus olhos marejam lágrimas.

Como pesquisador eu acredito que esta história é importante pelo fato de tornar conhecida a história local, percebendo que havia uma cultura diferente de outros lugares, com situações socioeconômicas distintas, e ao mesmo tempo semelhantes em vários aspectos, aproximando-se e distanciando as demais localidades no que diz respeito ao trabalho infantil, ao trato com a mulher, as práticas cotidianas.

Como professor é importante frisar para os alunos que cada um tem sua história, que é possível narrar e/ou contar a história do meu bairro, da minha mãe do meu pai da escola da cidade, pensar nos elementos que condiciona uma vida, uma prática, uma cultura, um fazer. Como nos faz ver Gonçalves (2006), que a partir de fontes há uma

multiplicidade de interpretações que nos leva a abordar temas como: expressões culturais, modo de vida, relações pessoais, vínculos afetivos, solidariedade, tradições, formas de resistências e etc. Levando-me a aprender mais sobre a vida a partir do olhar para o passado, formulando indagações sobre os sujeitos da história pensando um pouco nas abordagens das memórias das demais mulheres e dos esposos viajantes, como era a vida deles fora de casa, quais os objetivos, as dificuldades encontradas e os medos ao enfrentar o desconhecido.

### **Considerações finais**

Nas falas de Dona Benedita é possível ver as dificuldades que norteiam o Curimataú paraibano, uma vez que envolve a questão da seca que, segundo Campos (2001, p. 08) existe uma polêmica, devido às várias facetas, que o contexto apresenta, fazendo com que torne longo as discussões. Percebe-se, também práticas comparadas a escravidão, os donos das terras detinham o poder e condicionava as famílias a situações precárias, como em toda sociedade capitalista, estes buscavam lucros na miséria dos flagelados. Olhando para dona Benedita observa-se uma ingenuidade, em sua situação conformista, situação esta, imposta pela cultura, associada à situação econômica. Nos relatos de Dona Benedita não se sabe identificar o que seria mais difícil em sua vida: criar os sete filhos, como ela mesma fala na enxada e na costura, ou aceitar a morte dos catorzes.

Quando passamos a meditar nesta história criamos muitas indagações, do tipo: como alguém consegue sobressair-se diante de tantas fatalidades, como se ainda não bastasse à fome, a sede, o esforço para adquirir o pão, ainda lhe sobrevinha às doenças que quase sempre fazia uma vítima fatal em sua casa, tudo isto sem a presença do esposo na maioria dos casos. Foram muitas as dificuldades, pressões psicológicas, medo, diante do paradoxo, vida e morte. O mais impressionante é que ela fala ‘apesar de tudo, era feliz’. Ao que parece a felicidade não está no que temos e sim no que podemos ter. A esperança talvez seja a chave para uma vida feliz, já dizia Graciliano Ramos (1974, p.52) “Talvez a seca não viesse, talvez chovesse” fazendo com que o personagem vivesse motivado. Dona Benedita vivia este contexto, motivada achando que era a chuva que melhorava a sua situação. De fato, a chuva quando chegava trazia uma



alegria, mas, cadê a terra para plantar e a semente e as condições para sobreviver até a colheita, muitas vezes Dona Benedita investia tudo em uma plantação que, logo depois, perdia e o inverno persistia e ‘as viúvas da seca’ continuavam a serem ‘viúvas’.

Como historiadores, levaremos nossas indagações para o campo dos discursos produzidos a partir de uma linguagem cultural e tradicional que legitimar as práticas, seja estas, homem/mulher, brancos/negro, ricos/pobres, classe baixa/altas e grupos marginalizados. Perguntaremos quais os discursos, estão sendo produzidos na atualidade, qual intencionalidade? Que discurso é produzido sobre a mulher nordestina, a seca e o nordeste? Neste sentido torna-se perceptível a preocupação que este trabalho tem em contribuir com a história das mulheres, uma vez que, as abordagens partiram de uma mulher na vida campesina como forma de mostrar uma história do cotidiano daquelas que seriam esquecidas pela historiografia tradicional. Além do mais, a partir de alguns pontos, podemos perceber semelhanças e particularidades na história das mulheres, por região, grupos e localidades mostrando que a história não é uniforme.

#### MEMORIES OF A "DRY THE WIDOW"

#### **ABSTRACT**

This paper deals with the story of a woman's daily life in peasant life and the representation of those who were considered as "widows of drought"; this, from the memory of Dona Maria Benedita da Silva, residing in the municipality of Dona Inês-Paraíba, in a period corresponding to a decade, between 1968 to 1978; uses, therefore, oral sources (testimonies through interviews), which are records of feelings and ideas about family life and witness. So we tried to observe some sustainability practices, such as the creation of the children, the (re) family structure and how women were seen in the historical and cultural context of society. For didactic purposes, it is divided into four parts, addressing in the first instance the theoretical foundation, followed by a presentation of the research subject, the reflection on aspects of their everyday experience and, finally, the closing remarks. To do this, some authors have contributed to base the discussion, with such: PERROT (2005), DEL PRIORE, (2009); NUNES, (2006); ALBERTI (2006); ARIES (2013); FALCI, (2010); FONSECA, (2010);

GONCALVES, (2006). LE GOFF, (2003); MACHADO, (2006); PINSKI (2010); RAGO, (2010), among others.

Keywords: Women; Family; Everyday.

## **Referencias**

ALBERTI, Verena. **Fontes Orais: Historia dentro da história.** IN:PINSKY, Carla Bassanezi (ORG). **Fontes históricas.** 2.ed. são Paulo: Contexto, 2006. (155-158).

CAMPOS, José Nilson B., and. TM de C. STUDART. **Secas no Nordeste do Brasil: origens, causas e soluções.** IN: IV Diálogo Interamericano de Gerenciamento de Águas. ABRH, Foz do Iguaçu: 2001, (01-10) Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?q=CAMPOS%2C+Jos%C3%A9+Nilson+B.%2C+and+TM+de+C.+STUDART.+%22Secas+no+Nordeste+do+Brasil%3A+origens%2C+causas+e+solu%C3%A7%C3%B5es.%22+IN%3A+IV+Dial%C3%B3go+Interamericana+de+Gerenciamento+de+%C3%81guas%22.+ABRH%2C+Foz+do+Igua%C3%A7u+%282001%29.&btnG=&hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5](https://scholar.google.com.br/scholar?q=CAMPOS%2C+Jos%C3%A9+Nilson+B.%2C+and+TM+de+C.+STUDART.+%22Secas+no+Nordeste+do+Brasil%3A+origens%2C+causas+e+solu%C3%A7%C3%B5es.%22+IN%3A+IV+Dial%C3%B3go+Interamericana+de+Gerenciamento+de+%C3%81guas%22.+ABRH%2C+Foz+do+Igua%C3%A7u+%282001%29.&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5). Acesso em: 09/04/2015.

CARNEIRO, Maria José. **Mulheres no campo: notas sobre sua participação política e a condição social do gênero.** UFRRJ/CPDA. IN: Estudos Sociedade e Agricultura 1994, (11-22). Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?q=CARNEIRO%2C+Maria+Jos%C3%A9.+%22Mulheres+no+campo%3A+notas+sobre+sua+participa%C3%A7%C3%A3o+pol%C3%ADtica+e+a+condi%C3%A7%C3%A3o+social+do+g%C3%AAnero.%22+Estudos+So+iedade+e+Agricultura%282013%29.&btnG=&hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5](https://scholar.google.com.br/scholar?q=CARNEIRO%2C+Maria+Jos%C3%A9.+%22Mulheres+no+campo%3A+notas+sobre+sua+participa%C3%A7%C3%A3o+pol%C3%ADtica+e+a+condi%C3%A7%C3%A3o+social+do+g%C3%AAnero.%22+Estudos+So+iedade+e+Agricultura%282013%29.&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5). Acesso em: 10/01/2015.

Circular Técnica Campina Grande, PB Julho, 2008 123 Autores Odilon Reny Ribeiro Ferreira da Silva Eng. Agric., D.Sc., da Embrapa Algodão, Rua Osvaldo Cruz, 1143, Centenário, CEP 58.428-095, Campina Grande, PB 2009. <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/CNPA-2009-09/22318/1/CIRTEC123.pdf> Acesso em 19 /11/ 2014.

CIVILETTI, Maria Vittoria Pardal. **O cuidado às crianças pequenas no Brasil escravista.** IN: Cadernos de Pesquisa São Paulo 76 2013: (31-40). Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?q=CIVILETTI%2C+Maria+Vittoria+Pardal.+%22O+cuidado+%C3%A0s+crian%C3%A7as+pequenas+no+Brasil+escravista.%22+Cade+rnos+de+Pesquisa+76+%282013%29%3A+31-40&btnG=&hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5](https://scholar.google.com.br/scholar?q=CIVILETTI%2C+Maria+Vittoria+Pardal.+%22O+cuidado+%C3%A0s+crian%C3%A7as+pequenas+no+Brasil+escravista.%22+Cade+rnos+de+Pesquisa+76+%282013%29%3A+31-40&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5) Acesso em: 28/05/2015.

CUNHA, Euclides da. “Os Sertões: campanha de Canudos” São Paulo (1905)

DE ALMEIDA NEVES, Lucilid. **Memória, história e sujeito: substratos da identidade.** IN: *História oral 3* Associação Brasileira de história oral, Rio de Janeiro, PORTUGAL (1998) (2000): 109-116. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&q=DE+ALMEIDA+NEVES%2C+Lucilid.+%22Mem%C3%B3ria%2C+hist%C3%B3ria+e+sujeito%3A+substratos+da+identidade.%22+Hist%C3%B3ria+oral+3+%282000%29%3A+109-116.&btnG=&lr=.Acesso> em: 10/05/2015.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil.** 3. ed.- São Paulo: Contexto, 2012.  
FALCI, Miridan Knox. **Mulheres do sertão nordestino** .IN: Mary Del Priore (ORGs). **História das Mulheres no Brasil** 9.ed .,2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010: (241-277).

FONSECA, Claudia. **Ser mulher, mãe e pobre**. IN: Mary Del Priore (ORGs). **História das Mulheres no Brasil** 9.ed .,2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010: (510-553).

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História & gênero**. – Belo Horizonte: Autentica, 2006.160p.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de gênero e sexualidade**. Antropologia em primeira mão, Florianópolis, UFSC/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 1998 n° 26, p. 29-46. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?q=GROSSI%2C+Miriam+Pillar.+Identidade+de+g%C3%AAnero+e+sexualidade.+1998.&btnG=&hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5](https://scholar.google.com.br/scholar?q=GROSSI%2C+Miriam+Pillar.+Identidade+de+g%C3%AAnero+e+sexualidade.+1998.&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5). Acesso em:15/07/2015.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LIMA, Josinaldo Ferreira de. **Desafios das novas tecnologias no ensino de geografia para inclusão digital**. Guarabira: Editora da UEPB (2014). Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?q=LIMA%2C+Josinaldo+Ferreira+de.+%22Desafios+das+novas+tecnologias+no+ensino+de+geografia+para+inclus%C3%A3o+digital.%22+%282014%29.&btnG=&hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5](https://scholar.google.com.br/scholar?q=LIMA%2C+Josinaldo+Ferreira+de.+%22Desafios+das+novas+tecnologias+no+ensino+de+geografia+para+inclus%C3%A3o+digital.%22+%282014%29.&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5). Acesso em:29/05/2015.

MACHADO, Charliton José dos Santos. **Mulheres, família e história: prática de escrita de Zila da Costa Mamede**. IN: Liane Schneider e Charliton Machado (Orgs.) **Mulheres no Brasil: resistência luta e conquista**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB,2006. 175P.

Melo, Lígia Albuquerque de. **Injustiças de Gênero: O trabalho da mulher na agricultura familiar**. São Paulo. (2002). Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?q=Melo%2C+L%C3%ADgia+Albuquerque+de.+%22Injusti%C3%A7as+de+G%C3%AAnero%3A+o+trabalho+da+mulher+na+agricultura+familiar.%22+%282002%29.&btnG=&hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5](https://scholar.google.com.br/scholar?q=Melo%2C+L%C3%ADgia+Albuquerque+de.+%22Injusti%C3%A7as+de+G%C3%AAnero%3A+o+trabalho+da+mulher+na+agricultura+familiar.%22+%282002%29.&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5). Acesso em:01/03/2015.

NEVES, Joana. **História local e construção da identidade social**. In Saeculum: revista de história – nº 3. Jan – Dez 1997 – João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 1999.

NUNES, Mariângela Vasconcelos. **Entre o Capa Verde e a Redenção: A Cultura do Trabalho com Agave nos Cariris Velhos (Paraíba, 1937-1965)**, Doutorado em História." *Universidade de Brasília, UNB* (2006).

OLIVEIRA, Eliene Dias de. and Losandro Antonio Tedeschi. **Nos Caminhos da Memória, nos Rastros da História: Um Diálogo Possível**.Desvendando o labirinto intertextual de A última viagem de Borges .In: Revista Rascunhos Culturais. v. 2, n. 4, jun-dez.2011,p.45-54.Disponível em:

[https://scholar.google.com.br/scholar?q=+OLIVEIRA%2C+Eliene+Dias+de.+Identidad+e+representa%C3%A7%C3%B5es%3A+mem%C3%B3rias+e+viveres&btnG=&hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5](https://scholar.google.com.br/scholar?q=+OLIVEIRA%2C+Eliene+Dias+de.+Identidad+e+representa%C3%A7%C3%B5es%3A+mem%C3%B3rias+e+viveres&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5). Acesso em: 06/04/2015

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourado**. IN: Mary Del Priore (ORGs.). **História das Mulheres no Brasil** 9.ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010: (607-639).

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos históricos. Rio de Janeiro 5.10 1992: (200-212).

PORTELLA, Tarciana. **Viúvas da seca**. IN: Daniel Aamot, Dantas Suassuna, Ismael Portela, Tarciana Portela e Telma Castelo Branco. Recife – PE, Brasil. Edições Rebento, 1999.

PROBST, Elisiana Renata. **A evolução da mulher no mercado de trabalho**. Santa Catarina: Instituto Catarinense de Pós-Graduação (2003). Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?q=PROBST%2C+Elisiana+Renata.+%22A+evolu%C3%A7%C3%A3o+da+mulher+no+mercado+de+trabalho.%22Santa+Catarina%3A+Instituto+Catarinense+de+P%C3%B3s+Gradua%C3%A7%C3%A3o+%282003%29.&btnG=&hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5](https://scholar.google.com.br/scholar?q=PROBST%2C+Elisiana+Renata.+%22A+evolu%C3%A7%C3%A3o+da+mulher+no+mercado+de+trabalho.%22Santa+Catarina%3A+Instituto+Catarinense+de+P%C3%B3s+Gradua%C3%A7%C3%A3o+%282003%29.&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5). Acesso em 20/ 05/2015.

RAGO, Magareth. **Trabalho feminino e sexualidade**. IN: Mary Del Priore (ORGs.). **História das Mulheres no Brasil** 9.ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010: (578-606).

#### **Referências:**

REZENDE, Antônio Paulo. **Ruídos do Efêmero**: histórias de dentro e de fora. Editora Universitária UFPE, 2010.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. IN: Educação & Realidade, Porto Alegre, 1995 jul./dez. v.20, n.2, (p.71-99) jul./dez. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?q=+Scott%2C+Joan.+%22G%C3%AAnero%3A+uma+categoria+%C3%BAtil+de+an%C3%AAlise+hist%C3%B3rica.%22+&btnG=&hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5](https://scholar.google.com.br/scholar?q=+Scott%2C+Joan.+%22G%C3%AAnero%3A+uma+categoria+%C3%BAtil+de+an%C3%AAlise+hist%C3%B3rica.%22+&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5). Acesso em 02/03/2015.

SILVA, Gilson Teixeira da. **Aspectos hidro-climatológicos a partir de um levantamento pluviométrico do município de Dona Inês/PB**. Guarabira: Editora da UEPB (2014). Disponível em <https://scholar.google.com.br/scholar?q=SILVA%2C+Gilson+Teixeira+da.+%22Aspect>

os+hidroclimatol%C3%B3gicos+a+partir+de+um+levantamento+pluviom%C3%A9tric+o+do+munic%C3%ADpio+de+Dona+In%C3%AAs%2FPB.%22+%282014%29.&btnG=&hl=pt-BR&as\_sdt=0%2C5. Acesso em 10/03/2015.

TEDESCHI, Losandro Antônio. **MEU NOME É “AJUDA”**. A vida cotidiana e as relações de poder, gênero e trabalho das mulheres trabalhadoras rurais na Região Noroeste do Rio Grande do Sul. IN: **Revista Contexto & Educação**, Rio Grande do sul, 2013, v. 19, n. 71-72, p.( 45-64).Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&q=TEDESCHI%2C+Losandro+Ant%C3%B4nio.+%22MEU+NOME+%C3%89+%E2%80%9CAJUDA> /Acesso em 05/04/2015.

THOMPSON, Alistair. **Recompondo a memória**: questões sobre a relação entre história oral e as memórias.IN: Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. e-ISSN 2176-2767; ISSN 0102-4442 15 (1997). Campinas. Unicamp, 2007.

VEYNE, Paul. **Como se Escreve a História e Foucault Revolucionou a História**, 4ª edição revisada. Brasília: Editora Universidade de Brasília (1998).em: [https://scholar.google.com.br/scholar?q=VEYNE%2C+Paul.+%22Como+se+escreve+a+hist%C3%B3ria%3B+%281998%29&btnG=&hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5](https://scholar.google.com.br/scholar?q=VEYNE%2C+Paul.+%22Como+se+escreve+a+hist%C3%B3ria%3B+%281998%29&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5). Acesso em 04/12/2014.